

DOIS TORQUES CASTREJOS DO ASHMOLEAN MUSEUM OXFORD (*)

*Francisco M. V. Reimão Queiroga (**)*

O objectivo deste trabalho é dar a conhecer dois torques em ouro, inéditos, pertencentes à colecção do Ashmolean Museum, em Oxford, sobre os quais a única informação é uma vaga referência à sua proveniência da «Cultura Ibérica dos Castros da Idade do Ferro».

De acordo com a informação existente (Ashmolean Museum Report for the Visitors 1974-75, 16), uma das peças foi doada ao Museu por J. Bomford, tendo a outra sido comprada a este coleccionador. A mesma referência atribui aos dois torques uma datação entre os séculos III e I A.C.

Os exemplos conhecidos revelam que a grande maioria dos torques do Noroeste da Península Ibérica foram encontrados fora de contextos arqueológicos bem definidos (Perez Outeiriño 1986, 109); tratando-se geralmente de achados de carácter ocasional, exumados no decurso de trabalhos agrícolas ou terraplanagens. A raridade dos exemplos apoiados por contextos cronológicos/culturais seguros pode ser apontada como a causa principal de uma cronologia baseada maioritariamente em padrões tipológicos, fundamentados em análises exclusivamente estilísticas.

Muitos dos torques castrejos encontram-se no estrangeiro, integrados em colecções, públicas e privadas, facto que se deve mormente às circunstâncias em que foram encontrados. Tratando-se geralmente de descobertas ocasionais, como atrás se aludiu, o destino mais frequente na ouriversaria pré e proto-histórica sempre foi a venda a ourives ou, mais raramente, a coleccionadores. Casos houve em que as peças foram fundidas de imediato, não só para apagar os traços da sua origem, como

também para utilizar o metal precioso na manufactura de outras jóias. Coleccionadores e joalheiros, conscientes do valor artístico das peças, optaram, com frequência, pela sua venda no estrangeiro, onde a cotação de objectos de arte é extremamente elevada, sendo possível obter somas substanciais pelas peças, sobretudo em leilões organizados periodicamente por casas especializadas em venda de antiguidades. Este tráfico ilegal de joalharia proto-histórica foi já amargamente criticado por Mário Cardozo (1965), o qual publicou estudos sobre alguns dos mais belos exemplos de torques castrejos do Norte de Portugal (Cardozo 1930, 1942a, 1942b, 1959), tendo igualmente compilado a bibliografia referente à joalharia pré-histórica da Península Ibérica (Cardozo 1967, 1968).

Torques n.º 1

Trata-se da jóia de maiores dimensões (Est. I, 1, n.º de inventário 1975.350), cujo peso é de 275,68 gr.. A peça é constituída por uma barra circular em ouro, maciça, cujos extremos rematam em dois terminais periformes. O arco do torques encontra-se decorado com fio de ouro que, partindo dos dois terminais, o envolve, enrolando em espiral, numa área que ocupa cerca de três quartos do seu comprimento. O desenvolvimento desta espiral denota alguma imperfeição no enrolamento do fio, pormenor certamente derivado mais da manufactura do que da utilização. Esta espiral remata, nas partes opostas aos terminais, por duas associações de placas redondas, duplas, compostas por fio de ouro enrolada em espiral, as quais colam ao

(*) O presente artigo constitui a adaptação de um trabalho apresentado à Universidade de Oxford, e a publicar no Oxford Journal of Archaeology, o qual achamos por bem apresentar numa edição portuguesa pela necessidade de divulgação destes elementos em meios mais acessíveis aos investigadores Ibéricos que se debruçam sobre o tema.

Gostaríamos de expressar a nossa gratidão a Andrew Sherrat, Conservador de Ashmolean Museum, pelas facilidades concedidas no estudo dos torques, bem como a Christina Unwin pelo desenho dos mesmos.

(**) Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian na Universidade de Oxford.

corpo principal do torques, envolvendo-o. Cada um destes apliques é formado por um único fio que enrola do centro para a periferia, numa das suas metades, sendo enrolado da periferia para o centro na segunda. O espaço posterior do torques, entre os dois conjuntos de apliques, não é decorado.

Torques n.º 2

Este torques é o mais pequeno dos dois (Est. I, 2, n.º de inventário 1975.351), e o seu peso é de 275,68 gr. A peça é constituída por uma barra de ouro maciça, com secção losângica, com arestas voltadas para o interior e exterior, diminuindo gradualmente a espessura da secção da direcção dos terminais. Estes são de perfil que designaríamos como de dupla escócia⁽¹⁾, com modelagem algo imperfeita, e terminam em superfícies planas, sem decoração. A decoração neste torques limita-se à parte média das faces exteriores do arco, em cerca de metade da sua extensão. Os motivos decorativos podem dividir-se em duas partes, sendo ambas formadas pela associação de um único padrão de círculos, executado com estampa, por puncionamento. O primeiro tipo é composto por duas linhas em zig-zag, uma em cada face, as quais se tocam em ângulos alternados, sendo o segundo formado por associações de linhas paralelas, transversais às duas faces do arco. Como anomalia de manufatura, note-se o facto de a ligação de um dos terminais ser um pouco descentrada.

Tipologia

Ambas as jóias possuem uma grande harmonia estética, a par com a simplicidade das decorações e com algumas nítidas imperfeições de manufatura.

O problema das tipologias dos torques do Noroeste está longe de ser simples e resolvido em definitivo. Com efeito, as tipologias e seus elementos directores variam com os autores que sobre o tema têm escrito, os quais valorizam nos seus trabalhos os diferentes padrões decorativos, formas, ou mesmo composições metalográficas. Tentaremos concentrar as considerações que se seguem apenas nos elementos e referências mais directamente ligados aos tipos de jóias em questão, evitando assim alargar este trabalho para além do seu âmbito.

a) - O torques n.º 1 pertenceria ao tipo C, definido por Lopez Cuevillas (1951, 39), cujo elemento director seria a forma dos terminais, periformes, atribuindo-lhe este autor uma distribuição geográfica concentrada no Norte da Galiza. Mário Cardozo (1942a, 98) integrá-lo-ia no seu tipo A, enquanto Raddatz (1969, 177-Abb.3) no seu tipo B, ambos, também, devido à forma dos terminais. Monteagudo (1952, 289), se bem que em concordância com os aspectos mais relevantes da sistematização tipológica de Cuevillas, afasta-se um pouco desta através da valorização do «arame enrolado», o qual considera como elemento director, atribuindo-lhe um significado cultural e geográfico mais preciso. Com base nesta definição, Monteagudo (1952, 289) propõe uma divisão entre o tipo C de Cuevillas, criando os tipos «Ártabro» - no qual se insere o torques em questão - e «Astur-Norcalaico», para o que se apoia na valorização dos seguintes elementos:

Tipo 1 - «Ártabro», definido pela presença de terminais periformes e «arame enrolado», correspondendo, grosso modo, ao tipo «Norcalaico» de Cuevillas, se bem que excluindo os exemplares com terminais periformes e secção redonda ou quadrangular, mas sem «arame enrolado».

Tipo 2 - «Astur-Norcalaico», com terminais em dupla escócia e «arame enrolado», o qual corresponde ao tipo B de Cuevillas, que este designa como «Astur».

b) - Analisando agora o torques n.º 2, afigura-se-nos de importância demarcar desde logo este tipo, definido pelo arco de secção poligonal e terminais em dupla escócia, do tipo designado como pertencente à «Escola de Chaves» (Cardozo 1942b, 98; 1965, 168), localizado em volta deste região, no Norte de Portugal - Sul da Galiza. De resto, definindo quatro variantes dentro do seu tipo A, Raddatz (1969, 177 - Abb.3) deixa-nos em aberto campo para discussão sobre o significado tipológico das variações dos terminais genericamente designados por «dupla escócia». Não há dúvida que o torques 2 (tipo Raddatz A3) se afastará tipologicamente dos exemplares conhecidos no Norte de Portugal, mormente pelo contraste entre o seu aspecto maciço e decoração sóbria — tão característica dos torques galegos — e os grandes torques com maior profusão de decoração no arco e terminais, como os de Vila Flor (Santos Júnior-Freire 1966)⁽²⁾, e os da região de Chaves⁽³⁾ (tipo Raddatz A1). Por outro lado, e sem

(1) Ressalvando sub-divisões tipológicas (Raddatz 1969, 177), e tomando em linha de conta a generalização proposta por Santos Júnior et ali (1966-448) quanto ao uso desta designação.

(2) Ver Silva 1986, Est. CXI, pela excelente ilustração.

(3) *In genere*, os torques estudados por Cardozo (ver referências em Cardozo 1967 e 1968).

entrar em linha de conta com os «tipos regionais», cuja inserção cronológica, cultural e étnica tem vindo ultimamente a ser calibrada, parece-nos que a cronologia proposta para estas jóias por Silva (1986, 6, tipo D2), na sua fase II (*cf. infra*), é suficientemente ampla para contemplar a ideia de uma evolução dentro dos vários sub-tipos de terminais em dupla escócia, e em que os exemplos conhecidos do Norte de Portugal pertenceriam certamente a uma fase mais avançada.

Cronologia e discussão

Ambos os tipos de torques em questão foram incluídos por Silva⁽⁴⁾ (1986, Est. CIX - 5, CX - 1 - 2 - 3 - 4) na sua fase II, balizada entre 500 e 138 a. C. (Silva 1986, 66). Esta cronologia parece ser aceitável, tanto mais que se baseia numa série de correlações tipológicas fundamentadas em trabalho de campo recente. No entanto, ela parece-nos ser demasiado ampla e englobando sub-famílias tipológicas com uma cronologia relativa e significado cultural ainda obscuros.

A área de origem atribuída por Monteagudo (1952, 289), para o seu tipo correspondente aos torques n.º 1, como tendo uma distribuição centrada no Norte da Galiza, parece plenamente justificada pelos exemplos provenientes desta região⁽⁵⁾. Aliás os torques com «arame enrolado» são raros no Norte de Portugal e, com justeza, considerados como produção já tardia dentro do mundo castrejo (Silva 1986, 237)⁽⁶⁾, denotando ligações estilísticas e técnicas com o mundo mediterrânico.

A proveniência dos torques n.º 2 é já algo menos precisa, dadas as variações tipológicas que caracterizam esta peça, parecendo-nos, contudo, de excluir a área do Norte de Portugal, pela raridade deste sub-tipo de terminais, sendo mais provável o Norte da Galiza, onde encontramos paralelos próximos para estes elementos, apesar de, nalguns casos, eles estarem associados a arcos com arame enrolado.

Seguindo a tese de Lopez Cuevillas (1951), complementada por trabalhos recentes, parece es-

tabelecido que os torques são um ornamento masculino, que reflecte estatuto social e étnico, e estão normalmente conotados com a função e prestígio guerreiro, como parecem denotar as estátuas de guerreiros «Calaicos»⁽⁷⁾, algumas das quais ostentam representações de torques. Deveríamos, no entanto, atender ao facto de recentes trabalhos atribuírem estas representações já ao período da presença romana no Noroeste. Outro dos argumentos reside na mudança da sociedade Gaulesa, situada na transição La Tène I - La Tène II, período no qual se nota um decréscimo significativo no número de torques em sepulturas femininas (Déchelette 1913, 1207), aparecendo mais tarde como ornamento ligado ao prestígio da função guerreira.

As influências célticas na cultura castreja, das quais a Arqueologia pouco mais pôde assinalar do que elementos de cultura material dispersos, têm sido demoradamente discutidas, e mesmo sobrevalorizadas. Se quiséssemos admitir que os torques castrejo é um assimilação dos tipos europeus, então teríamos que considerar essas influências como contemporâneas dos primeiros contactos Hallstáticos, e nunca posteriores, pois é por esta época que parecem surgir os primeiros exemplos dessas peças no Noroeste, tendo a evolução posterior sido abandonada ao sabor dos padrões culturais locais. Não cremos, contudo, que a evolução da cultura material do mundo pós-Hallstático europeu tenha influenciado decisivamente o desenvolvimento tipológico dos torques do Noroeste, tão evidentes são os seus particularismos, e uniforme a sua evolução estilística.

Não há dúvida de que se encontram semelhanças entre alguns padrões decorativos dos torques castrejos e as decorações de outros da Idade do Ferro europeia⁽⁸⁾ (Blanco Freijeiro 1957), se bem que, estes eventuais paralelismos apareçam normalmente camuflados por padrões técnicos ou tipológicos locais.

Por outro lado, autores como Gómez (1979, 389-90) e Luengo (1979, 226) chamaram já a atenção para as dimensões de alguns dos torques estudados, por serem demasiado pequenos para serem usados por homens (*cf. supra*), o que parece ser o

(4) Silva (1986, 236), tipo D1 (terminais periformes) e D2 (terminais em dupla escócia).

(5) Ideia que poderemos reforçar com a significativa semelhança entre esta jóia e outras encontradas em Viveiros (Lugo), Centroña (Pontedeume), e Villadonga (Lugo).

(6) Referindo-se aos torques de Lanhoso (Braga), os quais este inclui no seu tipo D3 com base nos padrões tecnológicos, como filigrana e granulado, na variante constituída pelos terminais ocos, em urna, bem como numa maior racionalização do uso das ligas metálicas. Este último aspecto parece-nos especialmente pertinente, por o ouro destas produções tardias provir já de jazidas primárias, certamente relacionadas com a intensa mineração romana que bem cedo se estendeu pelo Noroeste, a qual, apesar de ter ocasionado um acréscimo da extração de ouro, motivou igualmente o seu escoamento para os cofres de Roma (Pérez Outeiriño 1986, 109).

(7) A bibliografia sobre este tema é bastante extensa. Silva (1986, 291-4), apresenta uma lista de referências substancial sobre o tema.

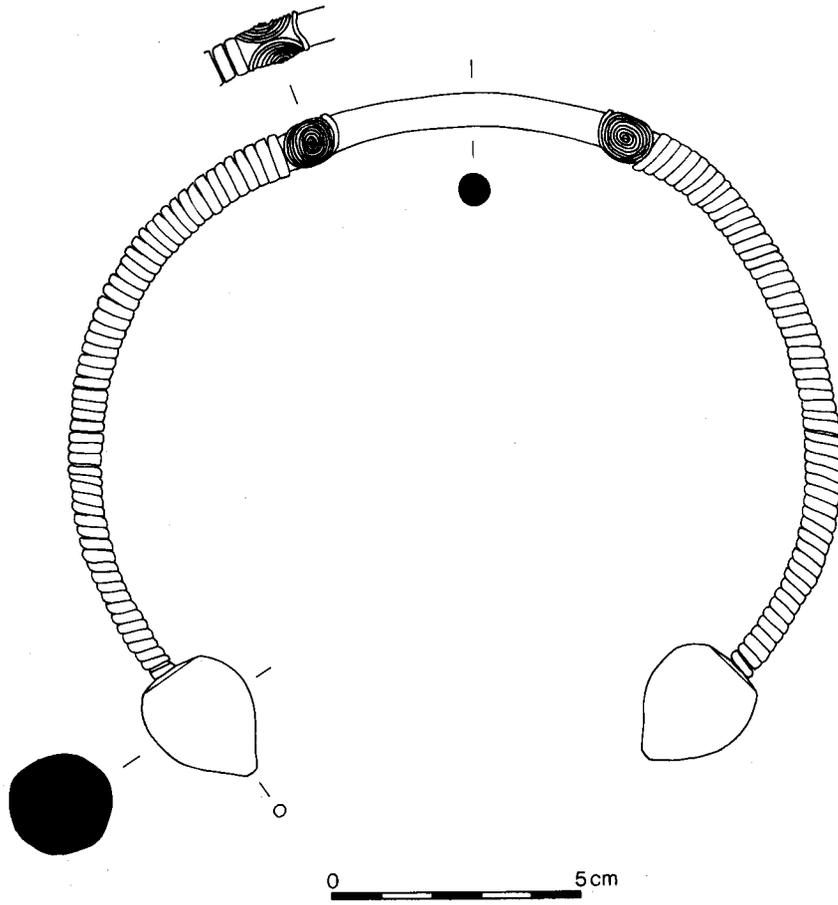
(8) Na linha das considerações de Blanco Freijeiro (*op. cit.*), tendo em mente que seria obrigatório excluir os torques galo-célticos do tipo dos de arco torcido e terminais em argola. Em todo o caso, devemos considerar que a amplitude de distribuição geográfica e cronológica de alguns elementos, tais como os motivos decorativos em SS ou os círculos concêntricos, deveria condicionar os conceitos de difusionismo ou afiliação cultural que muitos autores advogam.

caso do torques nº 2. Apesar de as fontes clássicas, nomeadamente no que se refere ao uso dos torques pelos celtas, ligarem este ornamento à função guerreira, vários trabalhos (Lopez Cuevillas 1951, 21; Blanco Freijeiro 1958, 156; Jacobsthal 1969, 122) mantêm ainda reservas quanto à sua exclusiva conotação com o estatuto masculino.

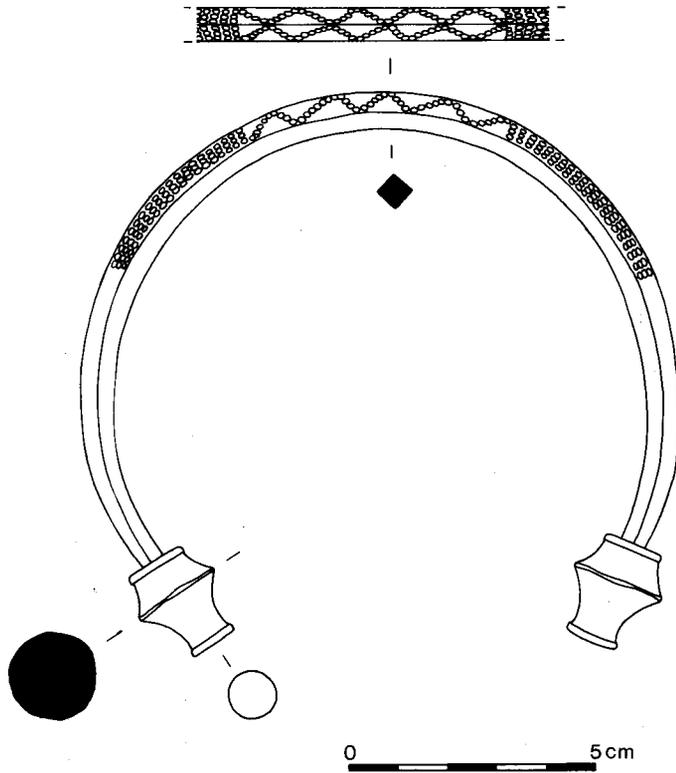
Por este conjunto de considerações, cremos que se deveriam manter algumas reservas quanto à hipótese de a função social dos torques castrejos ter tido carácter uniforme ao longo da sua história, sendo para isso necessário questionar a uniformidade da função guerreira e sua simbólica nas várias fases da Cultura Castreja.

Referências bibliográficas

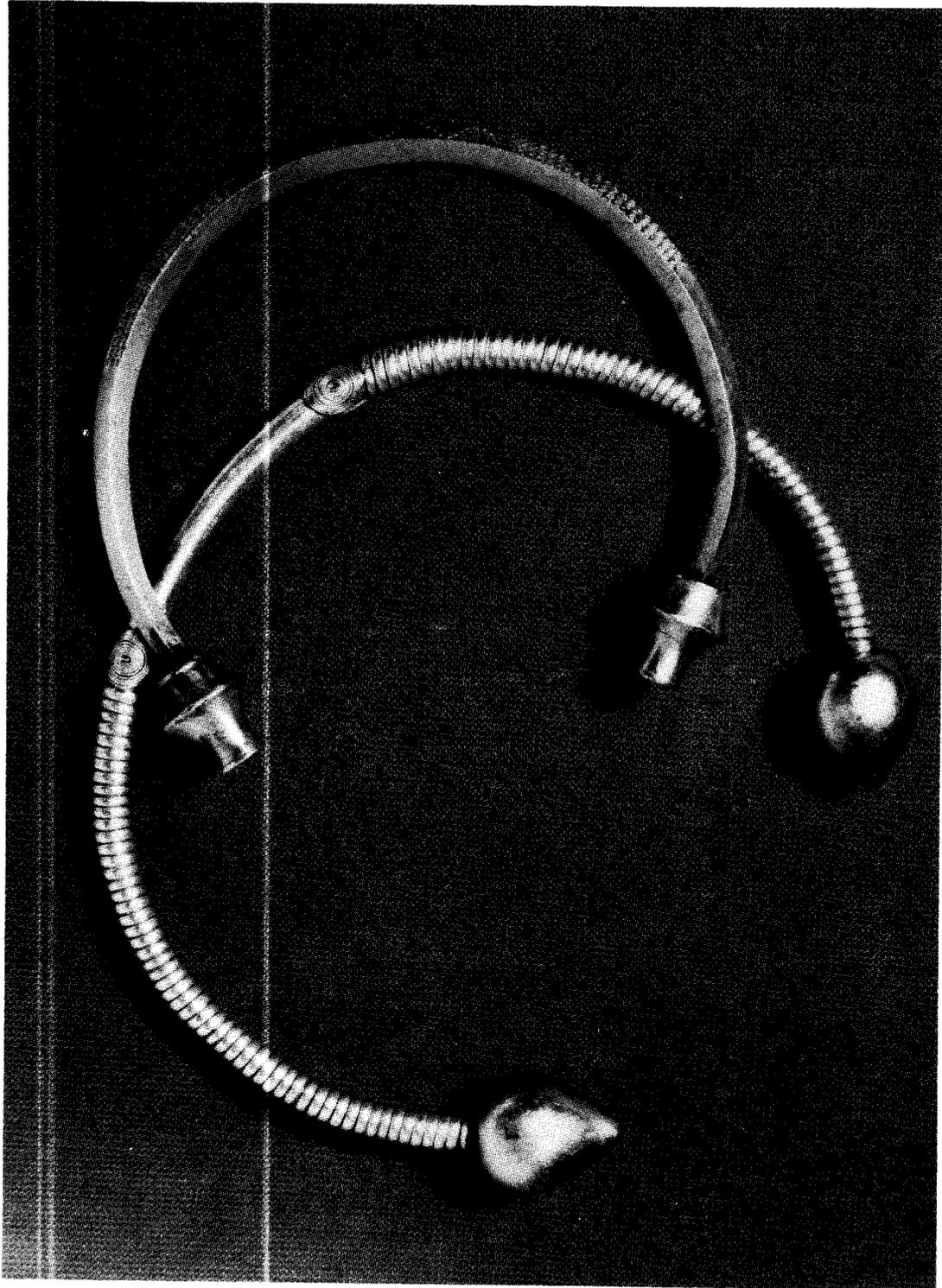
- Blanco Freijeiro, A. 1958 - En torno a las joyas de Lebução, *Revista de Guimarães*, 68 p. 155-96.
- // 1957 - Origen y relaciones de la orfebrería castreña, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XII, p. 5-28, 137-57, 267-301.
- Cardozo, M. 1930 - *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*, (sep.) N.ºs. Coruña.
- // 1942a - Uma notável peça de joalheria primitiva, *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 27, p. 89-100.
- // 1942b - Una pieza notable de la orfebrería primitiva, *Archivo Español de Arqueología*, 15, p. 93-103.
- // 1959 - Joalheria lusitana, *Conimbriga*, 1, p. 13-27.
- // 1965 - A pedra frequente de especímenes preciosos da nossa joalheria arcaica, *Revista de Guimarães* 75, p. 153-68.
- // 1967 - Elementos bibliográficos para o estudo da joalheria arcaica luso-espanhola 1, *Revista de Guimarães*, 77, p. 329-76.
- // 1968 - Bibliografia das jóias arcaicas da Península Ibérica, *Revista de Guimarães*, 78, p. 85-8.
- Dechelette, J. 1913 - *Manuel d'Archeologie Prehistorique, Celtique et Gallo-Romaine*, Paris.
- Gómez, F. F. 1979 - Un tesoro de plata en el Castro de 'El Raso de Candeleda (Avila), *Trabajos de Prehistoria*, 36, p. 379-406.
- Jacobsthal, P. 1969 - *Early Celtic Art*, Oxford University Press, Oxford.
- Lopez-Cuevillas, F. 1932 - Os Torques do Noroeste Hispânico, *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*, 4, p. 37-132.
- // 1951 - *Las Joyas Castreñas*, Madrid.
- Luengo, J.M. 1979 - El tesoro de Elviña y tres torques coruñeses, *Trabajos de Prehistoria*, 36 p. 213-46.
- Monteagudo, L. 1952 - Torques castreños de alambres enrollados, *Archivo Español de Arqueología*, 25 p. 287-96.
- Pérez Outeiriño, B. 1986 - Torques, *Gran Enciclopedia Gallega*, 29, p. 107-10.
- Raddatz, K. 1969 - *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel*, (Madrider Forschungen 5), Berlin.
- Santos Júnior, J. R.; Freire, O. S. 1966 - O Torques de Vilas Boas (Vila Flor, Trás-Os-Montes), *Lucerna*, 5, p. 443-58.
- Silva, A. C. F. 1986 - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.



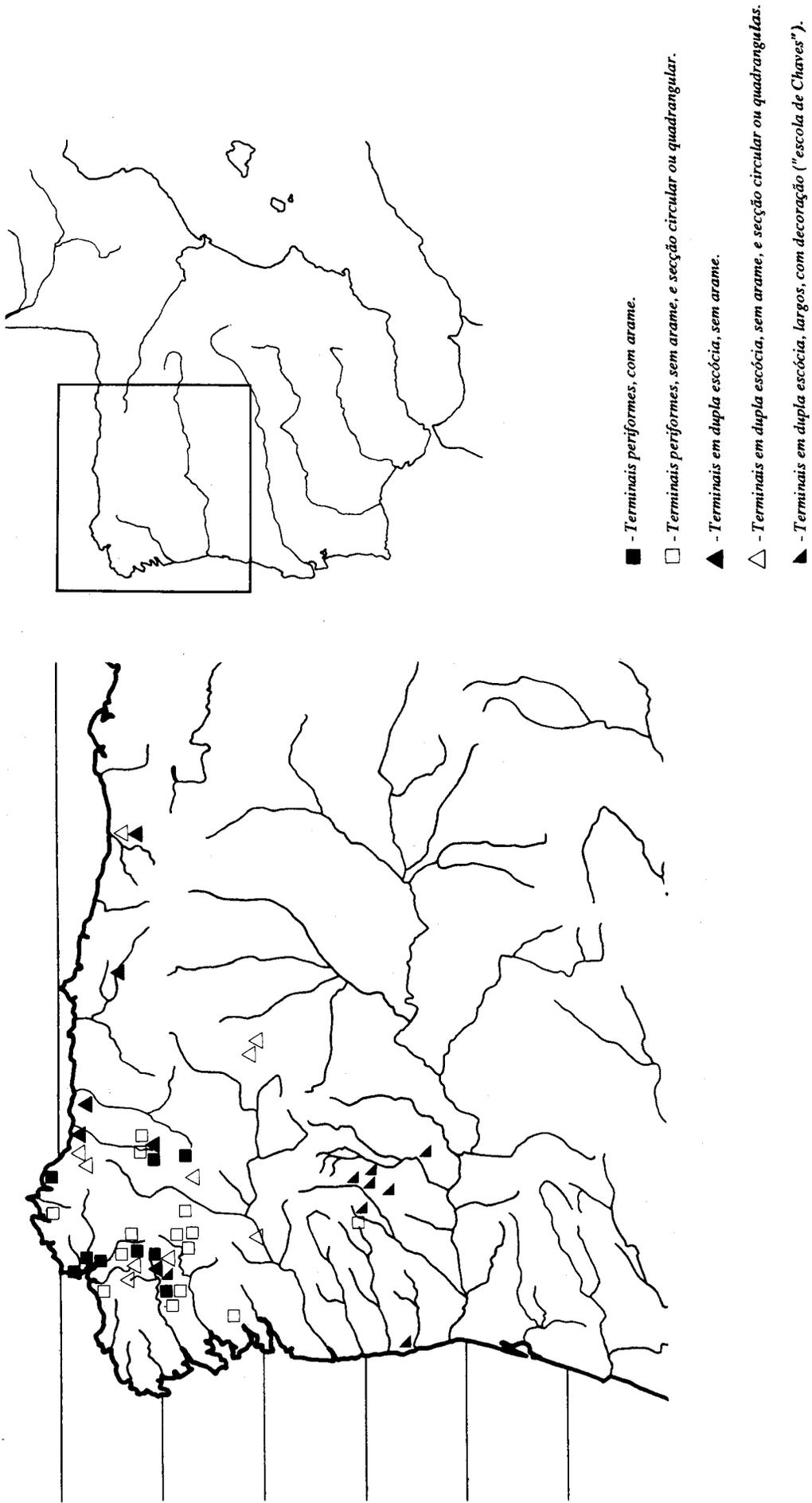
1



2



(foto Ashmolean Museum)



Distribuição de alguns tipos de torques castrejos no Noroeste, segundo Cuevillas (1951), Monteagudo (1952), Luengo (1979) e Silva (1986). Foi utilizado apenas um símbolo em casos de achados com a mesma localização. Devido à escala do mapa, a localização é aproximada